

MANUEL GRANGEIO CRESPO

OS
IMPLACÁVEIS

Prefácio de

URBANO TAVARES RODRIGUES

TEATRO / MINOTAURO

MANUEL GRANGEIO CRESPO

OS
IMPLACÁVEIS

Prefácio de

URBANO TAVARES RODRIGUES



MINOTAURO

PERSONAGENS

ALBERTO

JOAQUIM

LUCIANO

AMÉLIA

TRÊS JUÍZES — dois homens e uma mulher

TRÊS ALTIFALANTES — um em cada parede da sala

A cena está dividida em duas secções. A secção A (três quartos da cena) está completamente vazia. Na secção B, uma mesa comprida, imponente. Em cima da mesa, três togas de juiz (por baixo das togas, estão as cabeleiras e as máscaras dos Juizes, mas de maneira que o Público não possa identificá-las antes da primeira intervenção dos Juizes na peça). Metade das luzes da sala apaga-se. A cena continua fracamente iluminada por uma luz amarela, incaracterística. Dois homens e uma mulher levantam-se de entre a assistência e dirigem-se para a secção B. Atitude casual, um pouco distraída. Aconselhável que cumprimentem alguns espectadores pelo caminho. Não faz mal que um deles pare para trocar duas palavras com um conhecido. Sobem para a secção B, vestem as togas, sem pressas, encostam-se ao rebordo da mesa, conversam, fumam, observam o que se vai passando na secção A, olham para o público, podem fazer um sinal a um espectador... Devem estar bem dispostos, ter um ar descontraído, riem, contam anedotas... Entretanto, Luciano, Amélia, Alberto e Joaquim en-

tram na secção A, acarretando os vários objectos do cenário. Entram primeiro só três deles. Estão preocupados, olham para o relógio, perguntam: «Que será feito daquele tipo?», «Vai ser bonito se ele não chega a tempo!», dizem, indicando o público: «Aquela gente começa a perder a paciência...». O que falta chega a correr, esbaforido, gagueja uma explicação, começa logo a ajudar os outros. Tudo isto é feito com a maior à-vontade, como se o público não os estivesse a ver. Vão trazendo a mesa, as cadeiras, o candeeiro de pé, a poltrona, os vários elementos do cenário que colocam em cena. Podem experimentar diferentes posições para os objectos, podem mesmo discutir certos pormenores, um esboço de altercação se for necessário, cortado pelo súbito pensamento de que: «Aquela gente já está farta de esperar...» Amélia e Luciano trazem o divã em cima do qual vem uma caixa e uma pilha de objectos. Colocam o divã e Amélia dá um por um a Luciano: as três máscaras, a «condecoração», o bloco-notas, o vestido «da vedeta», o casaco de malha, a pala «do pirata», a espada e o pistolão de pau, a corda, o vestido «da filha do pirata»... Luciano vai-os mettendo na caixa. Empurra-a para debaixo do divã. Os preparativos estão no fim. Experimentam o candeeiro. A lâmpada pode estar fundida, um deles precipita-se para ir buscar outra. Finalmente, tudo está devidamente instalado. Olhar cuidadoso, último exame. Não falta nada? Olham para

os três Juizes, saudações mútuas. «Boa sorte!», «Vê lá se te enganas!», «Merda!», «Até já!»... Luciano, Amélia, Alberto e Joaquim saem. Obscuridade total. Apaga-se a segunda metade das luzes da sala. Os Altifalantes afinam a garganta. A peça pode começar.

A cena está em completa obscuridade. Durante a frase dos Altifalantes, começa a clarear, lentamente.

ALTIFALANTE, *a frase deve começar no da direita e acabar no da esquerda, passando pelo do centro.* — Não é verdade que as flores são anónimas e os beijos de graça? Em cada pôr-do-sol
COMEÇA A MISÉRIA DOS HOMENS.

A cena continua ainda um instante a clarear. Fica numa penumbra cinzenta. O palco está dividido em duas secções na relação de três para um. A secção B (a da direita, um quarto do palco) está às escuras. Nada se vê dela. A da esquerda, secção A, representa um pequeno e pobre apartamento, quase uma água-furtada. Um divã, uma poltrona velha, duas cadeiras, uma mesa. Por detrás do divã, um candeeiro aceso. Alberto está deitado no divã, fumando. Batem à porta.

ALBERTO, *levantando-se para ir abrir a porta.*
— Já?

Entra Joaquim, apressado. Tira a gabardine que deixa cair no chão, e atira-se para cima da poltrona.

ALBERTO, *de pé junto à porta.* — Então?

JOAQUIM. — Então?... está tudo acabado. Estamos prontos.

ALBERTO. — Condenados?

JOAQUIM. — E de que maneira! (*Rindo nervosamente.*) Não nos pouparam nada.

ALBERTO. — Tens a certeza?

JOAQUIM. — Ora essa! Eu estive lá. Ouvi tudo. Acabou agora mesmo. Aguentei até ao fim. Não quis perder pitada: garanto-te que foi divertidíssimo.

ALBERTO, *apanhando a gabardine e pendurando-a na parede.* — Não foi nenhuma surpresa. Já contávamos. O que é que querias? Era de prever.

JOAQUIM. — Pois sim. Mas hás-de concordar que, quando chega a altura, custa um bocado. (*Silêncio. Alberto vai sentar-se no divã.*) Foi pena que não tivesses ido lá. Estavam lá todos.

ALBERTO. — Viram-te?

JOAQUIM. — Não, descansa. Escondi-me bem.

ALBERTO. — É melhor assim. Demora mais tempo. Não temos pressa.

JOAQUIM. — Depende. Ainda não resolvemos nada...

ALBERTO. — O Luciano?

JOAQUIM. — Deve estar a chegar. Foi buscar a Amélia. Ela foi-se embora a meio.

ALBERTO. — Que tal está ele?

JOAQUIM. — Não sei. Não disse uma palavra. Estava muito sério, mas pareceu-me calmo. Tenho mais medo da Amélia. Tinha os nervos numa desgraça. É capaz de não aguentar.

ALBERTO. — Não te aflijas com a Amélia. É de repente, mas depois passa-lhe. Tenho toda a confiança nela.

JOAQUIM, *levantando-se*. — Então tem, meu velho. Vamos resolver uma data de coisas a ter todos muita confiança uns nos outros.

ALBERTO. — Não te excites. Temos imenso tempo. Tens a certeza de que eles só vêm amanhã?

JOAQUIM. — Que venham quando quiserem. Raios os partam!

Ilumina-se a secção B. Sempre que a secção B se ilumina, a secção A fica simultâneamente na completa obscuridade inicial. Na secção B, atrás duma secretária, os Três Juizes, de pé, vestindo togas negras e de máscara, três caran-tonhas rubicundas abertas numa gargalhada. De todas as vezes que esta secção se ilumina, começam imediatamente a falar. Lêem um enorme pergaminho que o do meio segura.

O texto da sentença não é de maneira nenhuma definitivo. Deverá ser adequadamente adaptado todas as vezes que considerações históricas, sociológicas ou geográficas o exigirem. O texto aqui apresentado não é senão um esboço, um modelo.

PRIMEIRO JUIZ. — Condeno

SEGUNDO JUIZ. — Em nome dos bons costumes

TERCEIRO JUIZ. — e das condecorações

SEGUNDO JUIZ. — em nome da tradição

TERCEIRO JUIZ. — e dos antepassados

SEGUNDO JUIZ. — dos grupos excursionistas

TERCEIRO JUIZ. — dos discos voadores

SEGUNDO JUIZ. — dos discos microgravados

PRIMEIRO JUIZ. — DOS DISCOS MICROGRA-
VADORES

SEGUNDO JUIZ. — dos tratados de boas ma-
neiras

TERCEIRO JUIZ. — dos clubes de futebol

SEGUNDO JUIZ. — da volta a Portugal em bi-
cicleta

TERCEIRO JUIZ. — dos tratados de boas ma-
neiras

SEGUNDO JUIZ. — em nome dos bons costumes

PRIMEIRO E TERCEIRO JUÍZES. — da tuberculose
a dez tostões o metro

TERCEIRO JUIZ. — em nome dos chás-canasta

PRIMEIRO JUIZ. — a quinze tostões o chá

SEGUNDO JUIZ. — dos tratados de boas maneiras

TERCEIRO JUIZ. — em nome dos sentimentos ternos

SEGUNDO JUIZ. — das bebedeiras ao sábado à noite

TERCEIRO JUIZ. — da cruzada contra os albigenses

PRIMEIRO JUIZ. — dos tratados de boas maneiras

SEGUNDO JUIZ. — em nome da colectividade

TERCEIRO JUIZ. — e da colecta sem vaidade

Pausa breve, como que a retomar o fôlego.

PRIMEIRO JUIZ. — Condeno

SEGUNDO E TERCEIRO JUÍZES. — Condenamos

PRIMEIRO JUIZ. — Trinta e três vezes

SEGUNDO E TERCEIRO JUÍZES. — ou quarenta

SEGUNDO JUIZ. — ou ainda mais de quarenta

OS TRÊS JUÍZES. — Condenamos

TERCEIRO JUIZ. — e assim ficam condenados

SEGUNDO E TERCEIRO JUÍZES. — sem apelo nem agravo

PRIMEIRO JUIZ, *cantado*. — quosque tandem catilina

SEGUNDO E TERCEIRO JUÍZES. — Condenamos

PRIMEIRO JUIZ. — à desonra

SEGUNDO JUIZ. — à tortura

TERCEIRO JUIZ. — à miséria

PRIMEIRO JUIZ. — às calúnias

SEGUNDO JUIZ. — aos piolhos

TERCEIRO JUIZ. — aos escarros

PRIMEIRO JUIZ. — à fogueira

SEGUNDO JUIZ. — ao exílio

TERCEIRO JUIZ. — ao massacre

OS TRÊS JUÍZES. — À morte condenamos

PRIMEIRO JUIZ. — morte por cianeto

SEGUNDO JUIZ. — à morte no espeto

TERCEIRO JUIZ. — morte por completo

PRIMEIRO JUIZ. — sem herdeiros

SEGUNDO E TERCEIRO JUÍZES. — sem flores

PRIMEIRO JUIZ. — sem lembrança

SEGUNDO E TERCEIRO JUÍZES. — nem louvores

PRIMEIRO JUIZ. — sem discursos

SEGUNDO E TERCEIRO JUÍZES. — nem estátua
alusiva

PRIMEIRO JUIZ. — à morte dez vezes morte

SEGUNDO E TERCEIRO JUÍZES. — à morte definitiva

Obscuridade. Ilumina-se a secção A.

JOAQUIM, *sentando-se*. — Já estão a demorar-se. E se aconteceu alguma coisa? O Luciano disse que vinham logo a correr para cá.

ALBERTO. — Deixa.

JOAQUIM. — Ainda não consegui acalmar-me. Aquele espectáculo revoltou-me. Daqui a um bocado, já estou melhor, vais ver.

ALBERTO. — Fizesses como eu. Para é que tei-

maste em ir ao julgamento? (*Pausa.*) Não me digas que tinhas esperanças...

JOAQUIM. — Sei lá! Todos nós sabíamos bem o que ia acontecer, mas é diferente. Só depois de ouvir a sentença é que eu comecei a ter realmente consciência do que nos esperava. Tomar o risco de morrer é mais fácil, não se sabe quando é.

ALBERTO, *levantando-se e vindo sentar-se no braço da poltrona.* — Tens razão, Joaquim, morrer não é fácil. Mas é preciso. Senão, tudo o que fizemos não significaria nada. E depois, não vai custar tanto como tu imaginas. Temos toda a noite para nos preparar.

— JOAQUIM. — Não é uma consolação assim muito grande...

ALBERTO. — É, sim. Verás. Faz um esforço para te lembrar. Nunca falhou, pois não? Antes de começar, estávamos muito pior do que se fôssemos morrer. Lembras-te?

JOAQUIM. — É verdade...

ALBERTO. — Vá, anda. Tu estás é indignado. Não é por ir morrer, a sordidez deles é que te revolta. (*Pausa. Batem à porta.*) Olha, devem ser eles.

ALTIFALANTE DO CENTRO. —

Quando a noite chegar

sem luzes a esperaremos

Não é verdade que as flores são anónimas?

Sobre os cadáveres dos homens
serão plantados jardins

Entretanto, Amélia e Luciano entraram. Alberto abraça-os demoradamente e em silêncio.

LUCIANO, *despindo a gabardine que vai pendurar por cima da de Joaquim, e com um gesto vago na direcção de Amélia.* — Atura-a, Alberto. Não sei o que ela tem. Ainda não parou de falar, mas não diz coisa com coisa.

JOAQUIM. — Demoraram-se, vocês.

AMÉLIA. — Está uma tarde maravilhosa! Aposto que vai chover...

LUCIANO. — Tive um trabalho danado para a convencer. Não queria vir.

JOAQUIM. — Ora, ora, não queria vir...

ALBERTO, *vindo até junto de Amélia e pousando-lhe as mãos nos ombros.* — É verdade?

AMÉLIA. — É. Desculpa, Alberto. (*Virando-se para Joaquim.*) Era fita. Queria que ele me encorajasse. Eu acabava por vir, mas tinha medo.

ALBERTO. — Todos nós estamos com medo. Mais vale dizê-lo já, para não haver malentendidos.

AMÉLIA. — Tu também?

ALBERTO. — Pois claro. Espantas-te? (*Sorindo.*) É um velho hábito. Todas as noites nós temos medo, antes de começar. E hoje é uma noite

como todas as outras. (*Para Amélia.*) Lembra-te do que disseste no fim da primeira noite?

AMÉLIA. — O medo é o preço da vitória?...

LUCIANO, *desatando a rir.* — Grande frase! Toda a gente sabe isso. E depois?

JOAQUIM. — Parece que já te esqueceste do tempo que te levou aprender a vencer, tal era o medo que tinhas!

AMÉLIA, *passando o braço pelo ombro de Luciano e acariciando-lhe o cabelo.* — Estás zangado comigo por causa de há bocado? Desculpa. Não sabia o que estava a dizer. (*Luciano liberta-se bruscamente e encolhe os ombros. Amélia continua, para Alberto.*) Quando ele me foi buscar, fartámo-nos de discutir, e eu disse-lhe que antes queria não o ter conhecido. Compreendes? Eram nervos.

JOAQUIM. — Foi um choque terrível. Eu mesmo fiquei arrasado. Daqui a pouco já estamos bem. O que é preciso é que o medo comece a passar...

LUCIANO, *explodindo.* — O medo, o medo, o medo. Qual medo nem meio medo. Eu não tenho medo nenhum, ouviram? Agora, não. Hoje, pronto, acabou-se o medo. Isso era antes. Durante este tempo todo, enquanto vocês se regalavam com as vossas lindas palavras, eu torcia-me todo cá por dentro, a pensar no que havia de acontecer hoje. Afinal de contas, eu era quem tinha mais a perder, não era?

AMÉLIA. — Luciano!